

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS
CAMPUS MANAUS ZONA LESTE
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADE E POLÍTICAS
PÚBLICAS NA AMAZÔNIA**

LÚCIA BUTEL TAVARES

**UM ESTUDO DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS NOS BAIRROS CENTRO,
EDUCANDOS E CACHOEIRINHA - FESTA DE SANTO E FESTA DE TERREIRO**

**MANAUS – AM
2019**

LÚCIA BUTEL TAVARES

**UM ESTUDO DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS NOS BAIRROS CENTRO,
EDUCANDOS E CACHOEIRINHA - FESTA DE SANTO E FESTA DE TERREIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), campus Manaus Zona Leste, como requisito para obtenção do título de especialista em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia.

Orientador: Professor Doutor Alvatir Carolino da Silva



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T231e

Tavares, Lúcia Butel.

Um estudo das festividades religiosas nos bairros centro, educandos e cachoeirinha – festa de santo e festa de terreiro. / Lúcia Butel Tavares. -- Manaus, 2019.

40 f. : 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia, 2019.

Orientador: Prof. Alvatir Carolino da Silva.

1. Santo Padroeiro. 2. Festas religiosas. 3. Terreiro. 4. Orixá. 5. Patrimônio Cultural. I. Silva, Alvatir Carolino da. III. Título.

CDD – 394.266098113

LÚCIA BUTEL TAVARES

**UM ESTUDO DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS NOS BAIRROS CENTRO,
EDUCANDOS E CACHOEIRINHA - FESTA DE SANTO E FESTA DE TERREIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Campus Manaus Zona Leste, como requisito para obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia.

Orientador Professor Doutor Alvatir Carolino da Silva.

Aprovado em 27 de Setembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Alvatir Carolino da Silva - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM Zona Leste

Professora Msc Ana Cássia Silva - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM Zona Leste

Professora Dra Renilda Aparecida Costa- Universidade Federal do Amazonas - UFAM

MANAUS-AM

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
CAMPUS MANAUS ZONA LESTE



Dedicado aos povos de santo e povos de
terreiro, que receberam com alegria, a
realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo acolhimento e atenção ao Frei Paulo, pároco da igreja de São Sebastião e São Francisco Mártir, ao Senhor Fernando à frente da Capela do Pobre Diabo, ao Terreiro Recanto de Preta Mina Ilê de Yansã, na pessoa de Pai Adalberto; ao Terreiro Pena Vermelha, na pessoa de Vovô Idemar e Dona Nazaré; ao Terreiro de Dona socorro, na pessoa da Mãe de Santo, Socorro Dantas e à Mãe de Santo, Simone de Ogum.

Agradeço aos professores do curso DEPPA 2018, em especial ao professor Doutor Alvatir Carolino da Silva, orientador deste trabalho.

Aos bibliotecários do Museu Amazônico Rosângela Martins e Robson da Silva, pelo apoio diário e incansável.

Agradeço à minha família e amigos pelo apoio constante e pela compreensão, aos colegas do curso DEPPA 2018, em especial aqueles que caminharam ao meu lado, na realização desta pesquisa, Celso Santos Jailes Reis, Lucinete Ferreira, Marinete Paiva, Neila Braga, Tina Almeida e Rafaela Fonseca.

Agradeço ao Gil do Educandos pelo grande apoio e atenção e também à amiga de caminhada Lígia Barbosa, ambos moradores do bairro de Educandos. Agradeço à Eliana e Larice Butel pelas contribuições, e de modo especial, agradeço ao meu companheiro de vida, professor Raimundo Nonato Pereira da Silva, pelos diálogos, apoio e pela incansável companhia nas procissões e visitas aos bairros.

RESUMO:

Este artigo é referente às festividades religiosas na zona sul da cidade de Manaus, com ênfase nos bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha. Este critério se deu principalmente, pelo fato desses bairros ‘carregarem’ elementos históricos que marcam também o início da formação urbana da cidade. Foram identificadas nos três bairros, as festas de Santo realizadas pelas igrejas católica, serão enfatizados os festejos de São Sebastião, Santo Antônio e São Pedro, além das festas realizadas nos Terreiros existentes nesses bairros, selecionou-se em cada bairro citado, apenas um terreiro. Com a identificação das festas religiosas, objetiva-se discutir o significado das mesmas para a comunidade e a importância de suas realizações para os agentes sociais, e por fim, analisar políticas públicas e de salvaguarda, tendo em vista a proteção e continuidade dessas festividades. Para tanto, serão considerados elementos essenciais, que possam identificá-las como representativas e simbólicas, abordando o sagrado, a relevância cultural das mesmas e ainda, como marcam as festividades religiosas desses bairros.

Palavras – chaves: Santo Padroeiro. Festas Religiosas. Terreiro. Orixá. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT:

This article is about religious festivities in the south of Manaus, with emphasis on the Centro, Educandos and Cachoeirinha neighborhoods. This criterion was mainly due to the fact that these neighborhoods 'carry' historical elements that also mark the beginning of the urban formation of the city. In the three neighborhoods were identified, the feasts of Santo held by the Catholic churches, will be emphasized the celebrations of St. Sebastian, St. Anthony and St. Peter, in addition to the feasts held in the existing Terreiros in these neighborhoods, was selected in each neighborhood mentioned, only one yard. With the identification of religious festivals, the objective is to discuss their meaning for the community and the importance of their achievements for social agents, and finally, to analyze public and safeguard policies, with a view to the protection and continuity of these festivities. Therefore, they will be considered essential elements that can identify them as representative and symbolic, addressing the sacred, their cultural relevance and also, as they mark the religious festivities of these neighborhoods.

Keywords: Patron Saint. Religious Parties. Orixá. Cultural Heritage.

LISTA DE MAPA E QUADROS

MAPA 1 – Lugares Sagrados em Manaus	22
QUADRO I – Terreiros em Manaus.....	17
QUADRO II – Terreiros em Manaus/dois.....	17
QUADRO III – Terreiros em Manaus/três.....	17
QUADRO IV - Terreiros em Manaus/quatro	19
QUADRO V - Lugares sagrados em Manaus//Terreiros.....	40

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM I - Procissão de São Sebastião.....	23
IMAGEM II - Frei Paulo - Procissão de São Sebastião	24
IMAGEM III - Procissão de São Pedro.....	26
IMAGEM IV - Capela do Pobre Diabo/ Dia de Santo Antônio.....	28
IMAGEM V - Terreiro de Pai Adalberto.....	31
IMAGEM VI – Centro de Umbanda Pena Vermelha.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Amazonas Religioso – Aspectos Histórico Culturais.....	12
3 FESTAS RELIGIOSAS EM MANAUS.....	15
3.1 As festas religiosas nos bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha.....	20
3.1.1 Festa de São Sebastião.....	22
3.1.2 Festa de São Pedro.....	26
3.1.3 Festa de Santo Antônio.....	28
3.1.4 Festas no Terreiro de Dona Socorro.....	29
3.1.5 Festas no Terreiro Recanto de Preta Mina.....	31
3.1.6 Festas no Centro de Umbanda Pena Vermelha.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5 REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

O registro de algumas festas religiosas em Manaus é uma das partes histórico culturais, que praticamente deixou lacunas na história das festividades na cidade. Apesar das dificuldades enfrentadas pela escassez de materiais, principalmente pela ausência de registros, como é o caso da igreja Matriz, onde não há poucos registros escritos sobre as primeiras manifestações das festividades em homenagens à Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Amazonas e da capital, as pesquisas avançaram, todavia, essas lacunas traduzem as dificuldades de traçar linhas de temporalidades, entre o ontem e o hoje e seus valores. Tognon (2003), analisa muito bem, que:

É somente com o processo histórico, pelo qual todas as sociedades civilizadas mantém o vínculo de valores entre passado e o presente, valores que se agregam aos objetos, às práticas e às paisagens, que nasce o reconhecimento desse conjunto de coisas, atos e lugares. (TOGNON, 2003:164)

Determinados lugares considerados sagrados, de memória, passaram a fazer parte do patrimônio cultural brasileiro, apenas quando o patrimônio imaterial passou a ter visibilidade nas questões patrimoniais, período que o conceito de patrimônio tornou-se amplo, valorizando não apenas os bens edificados, ou seja os bens materiais, mas também o imaterial, tal fato se concretizou com a publicação do Decreto 3.551/2000, que também instituiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Durante muitas décadas, as políticas de tombamento no país, relegaram a imaterialidade de diversas práticas culturais, um exemplo que ilustra tal situação, é o caso do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador que foi reconhecido pelo IPHAN como patrimônio cultural somente em 1986; o primeiro terreiro tombado no Brasil, tem pouco mais de trinta anos de reconhecimento. Embora tardia, a políticas de reconhecimento do imaterial, compreendem diversas manifestações brasileiras como patrimônio. Oliveira (2008), esclarece que “*a nova concepção de patrimônio, chamada de imaterial [...], ou intangível, refere-se à lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas, entre outras manifestações*”, a autora cita também que “*o procedimento principal é o registro dessas práticas e seu acompanhamento, para verificar sua permanência e suas transformações*”.

Para a realização deste estudo, adotou-se como princípio metodológico, o levantamento bibliográfico, por meio de livros, jornais, revistas, além de visitas às igrejas que realizam as festas nos bairros estudados, e também participação nas procissões e visita aos terreiros dos bairros. Adotou-se ainda, envio de mensagens de e-mails, solicitando informações, referentes à pesquisa, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN-Amazonas, à

Associação dos Terreiros de Umbanda do Amazonas (ATUAM) e à Pastoral da Arquidiocese de Manaus; tendo recebido resposta, apenas do primeiro órgão citado, o IPHAN.

Como forma de participação, foram realizados registros fotográfico das festa religiosas (procissões) e ainda o registro de conversas com os devotos dos santos padroeiros. As visitas aos terreiros foram na maioria documentadas através de fotografias, bem como o registro das falas, através de gravações dos responsáveis pelos terreiros, e claro, o lugar onde são realizadas as festas. Para Júnior (2013), o termo Terreiro é denominado como *“nome genérico de um templo ou de uma tenda de Umbanda, também conhecido como Congá; o termo também é definido como [...] quintal, local onde se realizam cultos como macumba, candomblé,* segundo o dicionário Unesp do Português contemporâneo.

Este artigo, vem lançar um olhar cultural em relação às festas de devoção aos santos da igreja católica e a outros deuses cultuados nesses bairros, que acompanharam o início do crescimento da cidade e principalmente por se tratar da área central, onde segundo a história, formou-se o núcleo que hoje é a cidade de Manaus.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Amazonas Religioso - aspectos histórico-culturais

A forma como a representação da religiosidade se desenhou no país, não é diferente do modo que ocorreu na Amazônia. A presença da religião católica, bem como as de origem afro, chegam à região no período da colonização. A primeira com a chegada dos Carmelitas, Mercedários, Capuchinhos e Jesuítas, a segunda com a inserção forçada dos negros, trazidos para o país, para exercer trabalho escravo. Os religiosos viriam catequizar os índios, para torná-los cristãos civilizados e aptos aos trabalhos impostos pelo branco, fato que Reis, (1997) deixa claro, quando analisa que:

Era necessário inicialmente conter a impetuosidade do gentio [...] e, finalmente, integrá-lo, no sistema de trabalho que caracterizava a civilização que se importava da Ibéria. E só a habilidade do missionário, a serviço da religião e do Estado, podia permitir a consecução daqueles objetivos imediatos e essenciais. (REIS, 1997:2)

As evangelizações dos povos indígenas por parte de missionários, se davam em nome do Senhor, porém esses povos cultuavam seus deuses, havendo de antemão, conflitos entre ambos. Todavia, acuados, alguns cediam às investidas daqueles religiosos ou tinham suas vidas ceifadas, por não atender ao chamado divino, pela voz do branco religioso e civilizador, Reis (1989), comenta que *“os catequistas, a pouco e pouco [...] venciam o ânimo vibrante ou desconfiado do nativo, conquistando-o, matando-lhe as irreverências condenadas pela*

religião, transformando-lhe os costumes rudes em civilizados, brandos". Esse abrandamento, por parte dos nativos, também pode ser conferido quando Reis (1997) cita, que os Carmelitas, no Amazonas, “[...] nas missões do Rio Negro [...] mantinham aulas de música e de canto [...] em Mariuá, [...] mantinham um coro na igreja local”. A presença indígena obscurecia a imagem dos negros na Amazônia.

Autores como Mário Ypiranga Monteiro e Salgado (2009), comentam que a presença de escravos negros no Amazonas, foi ínfima; no entanto, Sampaio, (2011) cita que “*Na capitania do Rio Negro, os dados indicam que a presença de escravos no espaço urbano era mais modesta se confrontada com Belém*”, na época, sede do Grão-Pará. Gomes (2003), *apud* Silva (2011), fala que “*Os primeiros negros chegaram à Amazônia por intermédio dos ingleses, que nas últimas décadas do século XVI e na primeira do século XVII tentaram apossar-se do extremo norte do Brasil*”.

Ilustrado o discurso sobre a presença negra no Amazonas, partimos à realização de suas festividades em honras aos orixás. A religiosidade negra, simboliza a resistência da manutenção e da preservação cultural de suas identidades religiosas, além da memória de seus ancestrais. Em decorrência de terem sido violentamente impedidos de praticar a fé, foram inseridos elementos da religião católica em meio a elementos das religiões de matrizes africanas, colocando portanto os santos católicos em sacralidades semelhantes aos orixás, cultuados pelos negros; o contato com esses elementos, iniciou o processo conhecido por sincretismo religioso. Segundo Ferretti (1995), esse conceito surge como uma estratégia para evitar conflitos. O autor analisa que “*a religião africana foi relacionada com práticas do catolicismo popular e de outras procedências, difundidas nas camadas média e superior*”. Surgia então, uma similaridade simbólica, entre os santos da igreja católica e divindades representadas nas religiões de matrizes africanas.

Por volta dos anos 1850, Robert Avé-Lallemant, comenta sobre a realização de festas religiosas, o viajante descreve, que os tapuios do Rio Negro são fervorosos católicos e “*Festejam dum modo peculiar a véspera do São João [...] Robert narra que viu “um outro cortejo [...], desta vez em homenagem a S. Pedro e S. Paulo. Chamaram-no Bumbá*”. O autor refere-se ao século XIX, início da segunda metade, porém é do entendimento que se trata de festas juninas, ele revela também em seus relatos, a existência de uma festa de boi, citando inclusive seus personagens, como tuxauas, pajé feiticeiro, além de descrever uma “índia guerreira”, do ‘boi bravo’ (LALLEMANT, 1980, pg.108:109). Nesta ilustração do viajante, provavelmente trata-se da presença de negros ‘brincando’, de boi. Outro viajante que também presenciou uma festa religiosa, de santo, na segunda metade do século XIX, foi Henry Bates,

ele descreve: “*De manhã, todas as senhoras e raparigas [...], vieram em procissão à igreja, [...] dando primeiro uma volta pela cidade [...] vinham adiante, três índias velhas carregando o sairé[...]*”, além da procissão, o autor cita uma festa só dos negros, por volta do mês de dezembro, em Serpa, ele narra que,

A noite generalizou-se por toda parte alegre algazarra. Os negros que têm um santo de sua côr, S. Benedito, faziam sua festa em separado, passando a noite inteira cantando e dançando com a música de um comprido tambor, o gambá, e do caracaxá [...] (BATES, 1944:336)

A fala de Bates informa que na segunda metade do século XIX, os negros estavam festejando São Benedito em Serpa, município de Itacoatiara, naquele lugar atualmente, conforme reportagem para o Jornal Acrítica, a Fundação Palmares, reconheceu no ano de 2015, a comunidade quilombola do Sagrado Coração de Jesus, do Lago de Serpa, como remanescentes de quilombos. Com base na fala de Bates, considera-se que os remanescentes quilombolas - hoje apenas quinhentas pessoas - já estivessem no Lago, por volta do século XIX realizando suas festividades religiosas. Ainda sobre a viagem de Bates, ele comenta a realização de mais uma festa religiosa, após deixar Vila Nova. O autor narra que índios e mamelucos festejavam Nossa Senhora da Conceição. Após as rezas, Bates, conta que:

Todos se reuniram para cear, sentando-se em tórno de grande esteira, posta no terreiro em frente de casa. Terminado o repasto, começaram a beber, e logo depois tiveram início as danças [...] Serviu-se principalmente uma bebida fermentada, obtida pela destilação de bôlos de mandioca [...] Tudo se passou muito pacificamente, tendo-se em vista a quantidade de bebida alcoólica forte que bebiam, e o baile durou até à madrugada do dia seguinte. (BATES, 1944:327:328)

Atualmente, as festas de santo mais tradicionais no Amazonas, mobilizam a população à participar dos arraiais e procissões. Os exemplos das festas mais populares, são as que acontecem nos municípios de Borba, Festa do Padroeiro Santo Antônio, que segundo Monteiro (1983) trata-se da “*maior festa de santo que se tem memória no estado, excetuando a de São João*”. O autor afirma que “*A festa de Santo Antônio é uma (longa) sobrevivência*”.

A tríade Santo Antônio, São João e São Pedro, também conhecida como festas juninas, é de origem portuguesa, segundo afirma Wagley, (1988), o autor explica que as festas,

Foram transplantadas de Portugal para o novo mundo onde, hoje, marcam o fim das chuvas [...] Todos os anos em maio e junho, quando, no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começa a estação seca; realizam-se então inúmeras festas. (WAGLEY, 1988:194).

Na capital do estado do Amazonas, de acordo com Silva (2012), “*as festas juninas estão nas casas, nas ruas, nos bairros, nas quadras das escolas, nos espaços abertos das igrejas*

católicas [...]”; sendo, segundo o autor, *organizadas por famílias, igrejas, diretorias de clube das Indústrias, associações comunitárias[...]*

Em outros municípios, como Parintins, região do Baixo Amazonas, a religião é voltada principalmente aos festejos de Nossa Senhora do Carmo, os devotos se movimentam durante os dias de arraial, que já faz parte do calendário religioso do município. Uma afirmação do escritor Mário Ypiranga (1983, p.78), chama a atenção, por dizer que Nossa Senhora do Carmo, foi “*antes cultuada pelos pretos, ali pelo primeiro quartel do século (15). [...]*. Outro município que vem movimentando fiéis é Itapiranga com a festa de Nossa Senhora Rainha do Rosário da Paz, as celebrações acontecem desde o início dos anos 1990, quando dois devotos tiveram a ‘visão’ da santa. De acordo com o site do Portal da Amazônia, Itapiranga “*é o destino religioso mais novo do Amazonas*”.

FESTAS RELIGIOSAS EM MANAUS

Um fator religioso bastante comum nos bairros e comunidades, é a devoção aos santos e a realização de seus festejos, são as festas que propagam a união dos povos. Segundo DaMatta (1986), “*todas as festas[...] recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais[...]* Para Jurkevics (2005), citado por Souza (2013),

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos por todo país são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira. (JURKEVICS, 2005:77)

Em celebrações das festas de Santo da igreja católica, todos podem participar, estas são abertas à outras religiões, um exemplo disso, é a presença do povo de terreiro nas festas de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião, celebrando também os santos padroeiros; de acordo com a secretária da igreja da Matriz, essa participação naquela igreja, já dura dez anos.

São vários os critérios que fazem de um santo, o padroeiro de um lugar, o mais comum é dar àquele local, o nome do protetor, que torna-se o Santo Padroeiro, para Wagley (1988), “*A devoção por um santo [...] é outra forma de vínculo que une os moradores de um determinado bairro [...] Todos os anos o dia do santo é comemorado na localidade e organização da festa é uma tarefa importante para a irmandade*”.

Na cidade de Manaus, algumas festas de santo no bairro Centro, desapareceram. Monteiro, (1998), comenta sobre esse desaparecimento:

Eram as festas-de-santo [...] as do Divino e de Nossa Senhora do Carmo. Principalmente estas se serviam dos igarapés hoje aterrados: da Ribeira Imperial e do Espírito-Santo [...] As solenes festas de Nossa Senhora do Carmo e do Divino tinham

início na antiga travessa do Cantagalo, mas possuíam a parte final no ‘mar’ (Rio Negro)”. (MONTEIRO, 1998:559)

Algumas festas desapareceram, porém outras resistem. Uma das mais antigas é a de São Benedito, conforme narra Monteiro (1983), “*na avenida Japurá [...] a senhora Maria de Lourdes Fonseca Martins e seu irmão Nestor do Nascimento Fonseca realizam a festa de São Benedito, herança de seus maiores que a iniciaram cerca de cento e oitenta (180) anos atrás*”. (MONTEIRO, 1983, p. 234). O autor refere-se ao lugar, que hoje conhecemos como o Quilombo do Barranco de São Benedito, no bairro da Praça XIV de Janeiro, reconhecido como o segundo quilombo urbano do Brasil. Em 2019, segundo informações obtidas com membros do quilombo, realizou-se a centésima vigésima nona, festa de São Benedito, ficando esclarecido que a mesma teve início, em Manaus, por volta de 1.890 do século XIX. Percebeu-se aqui, uma contradição de datas entre a citação do autor e a temporalidade da festa de São Benedito, na Praça XIV.

Segundo Silva (2011), as festividades ao Santo, no bairro Praça XIV, são encerradas com a ‘*festa do arranca - toco*’. Silva destaca que “*o ‘tambor de crioula’ deu lugar ao ‘batuque’*”. (SILVA, 2011:176)

As primeiras manifestações de religiões afro em Manaus, segundo Monteiro (1983) tiveram início com a chegada dos maranhenses na cidade, o autor comenta ainda que essas manifestações, eram cultos à São Benedito. Monteiro cita que,

“É com a presença de maranhenses no Amazonas, em Manaus, localizados na região de Manaus denominada Costa d’África, que se obtém alguma prova a favor do culto a São Benedito e igualmente provas concretas das primeiras manifestações de candomblês que eram denominadas de batuques”. (MONTEIRO, 1983:35)

De acordo com Patrícia Sampaio, Costa D’África era um pequeno bairro de Manaus, localizado próximo ao Cemitério São José, este, encerrado em 1901, citada por, Dias, (2019). Muito embora toda essa raiz de religiosidade em Manaus, a autora Salgado (2009), comenta que havia uma “*quase inexistência de terreiros de Umbanda ou candomblé*”, porém, ela cita que “*o terreiro da Mãe Joana, na subida de São Jorge, era famoso e suas festas esperadas*”; causando embates à fala da autora, o escritor Geraldo Pinheiro, na obra A Casa das Minas, de Nunes Pereira, comenta sobre a existência do terreiros das “*Mães Quintina, Maria Rita, Ifigênia e Joana*”. (PEREIRA, 1979:61:62)

A proibição do uso do tambor em Manaus, no século XX, conforme Mário Ypiranga é uma outra informação que reafirma a existência de terreiros na cidade. O autor escreve que:

Na década dos vinte a oligarquia dos Rego Monteiro proibiu drasticamente o uso dos tambores tanto nos batuques como nos Bois-bumbás. Para aqueles principalmente

houve até arrasamento de terreiros (da conhecida mãe Joana, na Cachoeirinha) [...] (MONTEIRO, 1998:553)

Mário Ypiranga (1983,) cita diversos terreiros, além do já citado, *São Sebastião, de Mãe Joana Galante, no Bairro São Jorge, Terreiro de São Benedito de Mãe Zulmira Gomes, além da Tenda Nagô de Mestre Zilmo da Silva Cordeiro, localizado na Rua Natal, bairro Cachoeirinha*. O autor cita outros terreiros, não é sabido se estão em atividade ainda hoje, todavia, constam aqui, para registro e informação, conforme relação abaixo:

Quadro I - Terreiros em Manaus

TERREIRO	LOCALIZAÇÃO
Nossa Senhora da Conceição, de Mãe Miquelina - substituta de Mãe Efigenia	Rua Duque de Caxias
Residência do Senhor Geraldo (de tal)	Rua de Eptácio Pessoa, Bairro São Lázaro
Residência de dona Maria Terna de Lima	Rua São Luiz, Beco do Macedo
Residência de Dona Victorina Donay Freire	Rua Emílio Moreira
Casa de Mãe Angélica	Rua Tefé, esquina com a Maués, bairro Cachoeirinha
Seara Umbandista do Imboca	-
Tenda umbandista do Mestre Ermínio Cavalcante do Rosário	Rua Plínio Coelho, bairro São Francisco
Sítio Lirial	Igarapé do tucumã – Manaus
Centro de Umbanda Bom Jesus de Nazaré	Bairro da Raiz
Residência do Senhor Armando Alves dos Santos	Lugar das Lajes
Seara da Mãe Raimunda	Rua de São Jorge, Bairro Constantinópolis

Monteiro (1983) cita o Terreiro de Mãe Angélica, no Bairro Cachoeirinha, como um dos mais antigos de Manaus. Outro lugar que, segundo o autor, foi “*assaz frequentado*”, na rua Japurá, era a “*Casa da tradicional Família Beckmann*”, ele comenta as antigas festas profano - religiosas da família nos dias de São Jorge e cita “*não há danças porque a casa de madeira é pequena*”. (MONTEIRO, 1983:70)

Colaboradora desta pesquisa, Simone de Ogum (2019), também cita, outros terreiros em funcionamento em Manaus, como consta a seguir:

Quadro II - Terreiros em Manaus/dois

TERREIRO	LOCALIZAÇÃO
Seu Girassol de Mãe Socorro	Bairro Cidade Nova
Do Pai Tota	Conjunto Ajuricaba
Centro Espírita Pai Anastácio (falecido)	Atrás do Cemitério São João Batista
Casa da Dona Maria	Próximo ao Estádio da Colina, bairro da Gloria
Terreiro	Próximo á PRODAM (entrada por um beco), Na Praça XIV

Outras contribuições também foram feitas por VB, Colaboradora no terreiro de Pai Henrique, localizado no bairro da Cidade Nova – Zona Norte de Manaus.

Quadro III - Terreiros em Manaus/três

TERREIRO	LOCALIZAÇÃO
Centro de Umbanda de Ogum – Casa de Pai Henrique	Conjunto Ribeiro Júnior, Bairro Cidade Nova
Centro de Iemanjá – Casa de Pai João	Rua José Tadros, 303, Bairro Santo Antônio
Centro de Umbanda Rosa dos Ventos	Conjunto Ajuricaba
Centro espírita Nossa Senhora da Conceição	Bairro Zumbi

Fortalecendo o discurso sobre a presença constante de terreiros na cidade de Manaus, Araújo (1974), cita que *“As mandigas, os terreiros, os despachos, as vidências, os pagés, os feiticeiros, as cartomantes, as mesas de cura, o benzedor, a bola de cristal proliferam em Manaus [...]”*. Araújo explica que *“o Terreiro ou macumba é também religião de origem negra, - que sincretizou com culto católico”*. O autor ainda enfatiza que *“o templo é o terreiro, que é uma espécie de barracão ou de salão, onde se faz a dança sagrada”*. As danças sagradas, tratam-se de uma forma de cultuar as divindades, entidades que estão presentes na festa de terreiro, Araújo ressalta que *“em Manaus, desde remotos tempos, houve inúmeros terreiros”*. O autor elenca várias mães e pais de santo e comenta sobre a admiração do povo por essas pessoas, ele fala: *“É do conhecimento de pessoa antiga, a célebre Mãe Joana, do Igarapé da Raiz [...] com enorme prestígio entre o povo”*. Araújo (1974), cita outros donos de terreiros, alguns já falados aqui, porém, segundo ele, foram personalidades de influências religiosas em Manaus. Araújo cita:

Pedro Tartarugueiro, Mãe Rosária, Mãe Efigênia, Antônia Lobão, Mãe Angélica, Mãe Quintina, Mãe Maria Estrela, foram algumas personalidades que o povo estimou. [...] (ARAÚJO, 1974:240:241)

Araújo fala ainda, que *“todos esses terreiros circundavam a cidade, pelos bairros pobres: Raiz, Cachoeirinha, Caminho de Marapatá, Praça 14, Seringal Miri, Adrianópolis”*. Corroborando a fala do escritor, Alvir Assunção, *apud* Oliveira (2003), destaca, os *“terreiros do Morro da Liberdade”*, esclarecendo com sua fala, que existiram ou existem outros terreiros no bairro, além do terreiro de Mãe Zulmira.

André Araújo (2003), comenta o caso de Guilhermina Monteiro de Lima, uma africana de Angola, de aproximadamente 80 anos, que falava com dificuldade, o dialeto quimbundo, o que o levou a deduzir, sobre a influência no linguajar amazônico das macumbas do Igarapé da Raiz. Ela vivia, segundo Araújo, *“numa tapera, além da Raiz, na Cachoeirinha. [...]”*. De acordo com o autor depois de ‘muita luta’ ela falou dos Candomblés,

Falou [...] dos terreiros de mãe Angélica adiante da ponte da raiz; mãe Joana hoje Quintina, esteve nos fundos da Igreja de Santo Antônio no Pobre-Diabo, Cachoeirinha; Mãe Maria Estrela, no Seringal Mirim. Fala muito de mãe Joana, mulata escura, já morta, cujo terreiro funcionava nas matas da Cachoeirinha, igarapé da Raiz; Pedro Tartarugueiro, que era um preto, também já falecido, cujo terreiro fechou, para os lados da Raiz, na zona da mãe Joana. Mãe Rosária, também velha preta. Esse terreiro ela no lugar, “Crespo Castro”, quase em frente de Marapatá. Mãe Efigênia, outra preta, cujo terreiro tinha funções perto de Adrianópolis, para os lados da Praça 14. Antônia Lobão, outra preta muito conhecida. O terreiro dessa era para os lados do Seringal Mirim, rumo da cachoeira Grande. (ARAÚJO, 2003:86)

Continuando a narrativa de Dona Guilhermina, ela conta que

A casa matriz de candomblé de Manaus era o terreno de *Mãe Joana* à margem do igarapé da Cachoeirinha [...], tinha o apelido de *Mãe Joana* e possuía como filho-de-Santo Pedro Tartarugueiro, também falecido, o qual fundou um outro terreiro [...] A sucessora mais hábil de Mãe Joana, foi uma preta chamada Quintina de uns 40 e tantos anos. (ARAÚJO, 2003:87)

Souza (2009), reforça sobre presença de terreiros em Manaus, citando em sua dissertação, quatro terreiros, três destes, localizados na zona Leste, conforme verifica-se abaixo.

Quadro IV - Terreiros em Manaus/quatro

TERREIRO	LOCALIZAÇÃO
Casa de força de Oxaguian - Pai Giovano	Val Paraíso
Casa de Forças das Águas Doces Profundas - Pai Bosco de Oxum	São José III
Casa de Forças da Senhora das Águas Profundas - Pai Gilmar de Yemanjá	Jorge Teixeira
Terreiro do Seringal-Mirim - Pai Ribamar de Xangô	São Geraldo

O Terreiro do Seringal Mirim, citado acima, segundo fontes estudadas, é um dos espaços de matrizes africanas, mais antigos de Manaus, bem como as casas centenárias do Morro da Liberdade. Em entrevista para o Jornal *Acrítica*, reportagem de Paulo André Nunes, o professor Almir Barros Carlos, fala que:

No local era nítida a presença da cultura afro-brasileira, onde se comemorava os dias de Santo Antônio, São Benedito e São João, além da área de batuque, no Terreiro Santa Bárbara (existente até hoje) comandado por Maria Estrela e depois por Dona Joana Papagaio, e o Bumbá Mina de Ouro, em frente à Praça da Liberdade. (NUNES, 2017)

Sobre a origem das Mães do Terreiro do Seringal Mirim e das Casas Centenárias do Morro, Medeiros (2009), comenta:

Os terreiros mais antigos da cidade de Manaus, a exemplo das casas centenárias do Morro da Liberdade, fundado por volta de 1900, por [...] Joana Gama, iniciada na Casa de Nagô do Maranhão e [...] do Terreiro de Santa Bárbara, conhecido como Seringal Mirim, fundado em 1908, por Maria Rita Estrela da Silva, filha de uma escrava nascida e criada em São Luiz do Maranhão. Maria Estrela fora iniciada na capital do Maranhão, na Casa das Minas. (MEDEIROS/NCPAM, 2009)

Contribuindo com o debate sobre terreiros em Manaus, Gama *et al* (2012), cita os “*Terreiros do Sibamba e de Maria Jacaúna*”. De acordo com o professor Dr. Alvatir da Silva (2019), “*Jacaúna é filha de Sibamba*”. O professor conta que “*Sibamba iniciou no bairro Cachoeirinha, mudou-se para o Coroadó, depois Rio de Janeiro e Roraima, retornando à Manaus para o bairro São José*”. Já o segundo, localiza-se no bairro Zumbi, terreiro também foi citado no corpo do texto por VB. Os terreiros aqui relacionados, fazem parte da história da religiosidade da cidade de Manaus. As manifestações religiosas de terreiro, bem como as da igreja católicas, são bastante aguardadas pela população. As procissões são o ápice das festas de Santos, uma união de pessoas cultuando o mesmo santo padroeiro. Para Araújo (1974),

As procissões são ensejo de contatos sociais [...] Como manifestação popular, ela tem o espírito de comunicar alegria e muitos outros sentimentos ocultos. [...] as procissões de Corpus Christi, São Sebastião, N.S. da Conceição, - são também tradicionais em Manaus”. (ARAÚJO, 1974:231)

Em Manaus, segundo Oliveira (2003)

As festas religiosas em homenagem ao padroeiro do lugar, espalhavam-se por toda a cidade. Ao redor do espaço sagrado onde ocorria a novena, a missa e a procissão, estendia-se o espaço profano, com arraial, quermesses e festas dançantes. (OLIVEIRA, 2003:154)

Araújo (1974), escreve que “*O novenário de São Raimundo, N.S. da Conceição, São Sebastião [...] dava um quê de alta vida social, de vida moral, artística e religiosa*”. Percebe-se pela fala do autor, que a participação nas manifestações religiosas em Manaus, sugere efeitos de status religioso, aos participantes.

As festas religiosas nos bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha

Os festejos religiosos na cidade de Manaus, são práticas antigas e eram comuns entre os povos que chegavam para habitar a capital do Amazonas, como os escravos, os soldados da borracha e ainda os que por aqui já se encontravam. Uma das procissões consideradas mais antiga em Manaus, seria a de Nossa Senhora da Conceição. Embora haja poucos registros escritos, uma reportagem do Jornal Em tempo cita que os festejos da Padroeira do estado, já ultrapassam trezentos e cinquenta anos, data-se da segunda metade do século XVII. O pároco da Matriz afirma que “*a história de Nossa Senhora da Conceição com o Amazonas já dura 359 anos, isso foi com a chegada dos Carmelitas em Manaus*”, o religioso continua e cita que “*A história da presença de Maria Nossa Senhora da Conceição está junto com a história da cidade. Foi fundada a cidade com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e isso é muito bonito*”. A festa da padroeira teria então dez anos mais que Manaus.

Segundo Villanova (2008), em meados do século XIX, “*os bailes, os masques, teatros e festas religiosas, ocorriam na pacata cidade de Manaus, nesse período, durante a década de 1870 [...]*”, no período citado pela historiadora, já existiam na cidade as igrejas católicas da Matriz, dos Remédios e de São Sebastião, localizadas no bairro Centro. Villanova continua e cita que juntamente com o Éden, um antigo teatro na cidade de Manaus, havia “*bailes dançantes e carnavais, passeios nas praças, festas religiosas, como a de São Sebastião e São João, e novenas de São Pedro*”. A historiadora fala sobre uma festa de São Sebastião realizada no mês de outubro em Manaus, ela narra que:

As festas religiosas [...] eram acompanhadas de pequenas distrações nada *sagradas*: a festa de São Sebastião, realizada em 1o de outubro de 1876, iniciava-se desta forma: No centro da praça o interessante pão de cocagne, no topo do qual estará um prêmio

destinado ao ousado que lá for tira-lo. Também estará um pato-enterrado com a cabeça de fora, para ser entregue à quem com olhos vendados, o matar. (VILLANOVA, 2008:66)

Os bairros Centro, Educandos e Cachoeirinha, formam uma tríade de bairros, que são considerados historicamente uns dos mais antigos de Manaus. O Centro, conhecido também como Centro Antigo, surge praticamente junto com a cidade, sua história se confunde com a história da capital do Amazonas; ainda no século XIX ligava-se ao bairro da Cachoeirinha através de uma ponte de madeira, hoje a atual ponte Benjamim Constant, que também serve a outros bairros da zona sul, como o Educandos.

No Centro, as festas de santos católicos mais conhecidas, são as procissões de São Sebastião e de Nossa Senhora da Conceição, nossa pesquisa no entanto, enfatizou os Festejos de São Sebastião e as festas do Terreiro da Dona Socorro, ambas realizadas no Bairro.

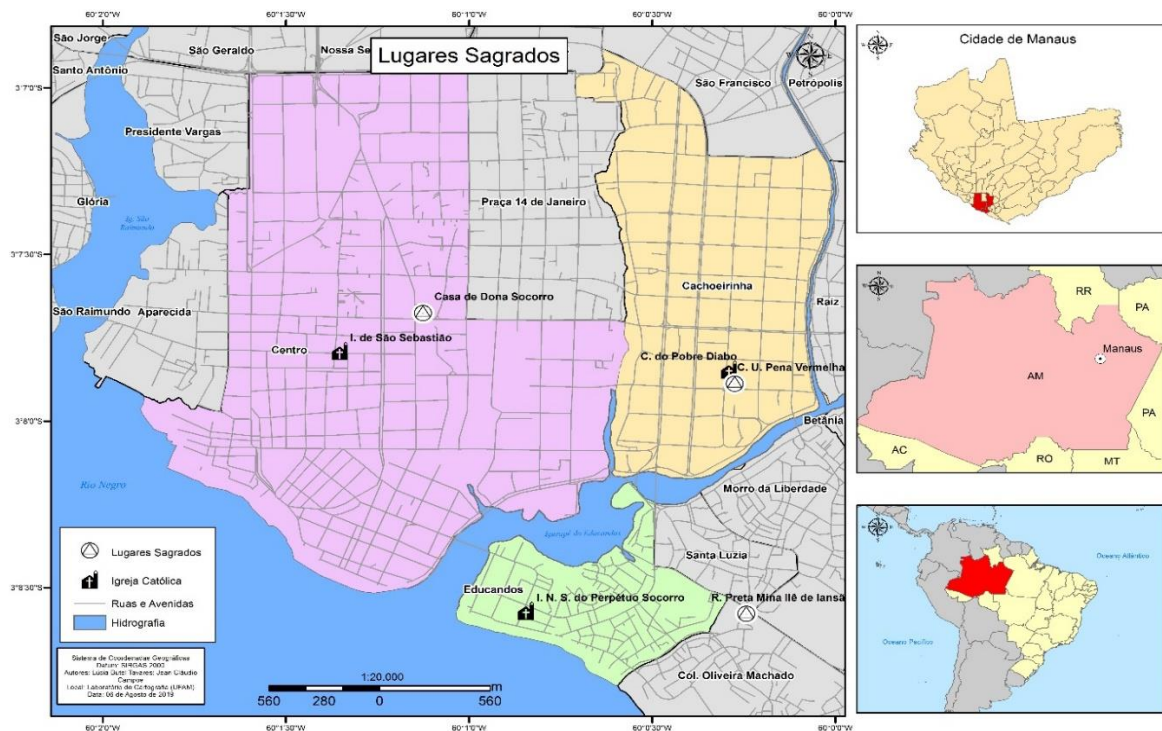
O bairro de Educandos tem sua história de criação relacionada sobretudo, à questão educacional, seu nome é em alusão ao estabelecimento Educandos Artífices, (Mesquita, 2019), é também é popularmente conhecido como Cidade Alta e Constantinópolis, o bairro completou em agosto de 2019, cento e sessenta e três anos. Por meio de diálogos, Gil do Educandos, responsável pelo Instituto de Cidadania e Desenvolvimento Social do Amazonas, nos informou que existem entre dois a três terreiros no bairro, e inclusive segundo ele, no local onde atualmente funciona o instituto, por ele gerenciado, foi o primeiro terreiro do Educandos, o terreno situa-se à Rua Macurany. Era ali, naquele lugar, que Gil chamou de sagrado, o Terreiro do Pai Valderi, já falecido. Não foi sabido o ano de sua morte, e segundo alguns moradores, “seu único filho não deu continuidade ao seu trabalho”, no entanto, percebeu-se que os moradores ao serem questionados pelo terreiro do Pai Valderi, ainda lembravam dele, eles mantêm na memória, a figura do Pai de Santo. É também no Educandos, que encontramos a *Dança do Candomblé*, embora não seja o foco deste artigo, torna-se interessante citá-la, a título de informação, o que também nos permite destacar que este, é mais um elemento que faz o bairro, além de histórico, um lugar tradicional em referências culturais. Gil indicou como lugar sagrado no bairro, o Terreiro Recanto de Preta Mina, de Pai Adalberto, que será abordado aqui, juntamente com a festa de São Pedro, organizada pela igreja católica do Bairro, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

No Bairro Cachoeirinha, a presença da igreja católica é bem maior que no bairro Educandos, as igrejas mais conhecidas, são: Santa Rita de Cássia; Nossa Senhora da Conceição e da Consolação, além de Santa Cecília e a Igreja de Santo Antônio, popularmente conhecida como a Capela do Pobre Diabo. Este trabalho, enfatizou a festa de Santo Antônio e as ainda as

festas realizadas no Centro de Umbanda Pena Vermelha, terreiro localizado na Rua Ipixuna, de propriedade do casal Nazaré e Idemar, este, conhecido pelos frequentadores do local, como vovozinho.

A Cachoeirinha tem histórico de tradições religiosas, segundo Mingos, (2010), “*era comum cada residência, preparar suas festas, com as comidas típicas, principalmente no período junino*”. A autora afirma ainda que nos dias dos santos, acontecia “*a construção de fogueiras, as adivinhações e também as bandeirinhas enfeitado as casas*”. (MINGOS, 2010:65)

O mapa abaixo, identifica as áreas de estudo desta pesquisa, denominado por nós de “Lugares Sagrados”, ou seja, são os lugares (Igrejas Católicas e Terreiros), onde acontecem as festas religiosas abordadas aqui no texto.



➤ Festa de São Sebastião

A Festa em honra à São Sebastião é organizada pela paróquia de São Sebastião e São Francisco Mártir. A igreja, fundada no final do século XIX, é um dos pontos turísticos de Manaus, além de sua relevância histórica, faz parte do complexo do Largo de São Sebastião. O arraial em honra ao padroeiro, inicia-se por volta da segunda semana de janeiro, além das realizações das novenas, são armadas barracas diversas no entorno da igreja, o espaço torna-se pequeno para os dias de arraial. O auge da festa, além das programações do arraial, bingos e

outras atrações musicais, é a procissão do dia vinte de janeiro, seguida da missa campal, realizada no Largo, o público também pode assistir à cerimônia, através de telões, no Largo.



Créditos das Imagens: Arquidiocese de Manaus, 2019.

O escritor Mário Ypiranga comenta, que as festas em honra ao santo iniciaram no bairro Nossa Senhora Aparecida, por iniciativa do casal (Chica e Teófilo), o autor cita que “*As festas começaram mesmo em 1918 [...], porém adquiriram maior esplendor nos anos seguintes [...]*” O autor conta que o Santo “*é festejado [...] em todos os terreiros e seara de Manaus onde se assume como orixá*”. Ypiranga conta ainda, que

Comemora-se o dia do santo mártir [...] principalmente no Retiro São Sebastião de Mãe Joana Galante, com as práticas religiosas de costume, muitos mastros votivo no terreiro [...]. O final da celebração é o arranca-toco, motivação para novas festas. (MONTEIRO, 1983:229)

Em conversas com Frei Paulo, atual pároco da igreja de São Sebastião, ele informa que os festejos ao Santo, tiveram início ainda com a primeira capela, no final do século XIX, com a chegada dos nordestinos. Segundo o religioso, “*a devoção chegou aqui pelos nordestinos, a experiência dos soldados da borracha, [...] tinha as famílias que faziam a sua devoção no Nordeste e trouxeram pra cá também a mesma experiência de fazer a devoção e o santo*”. O pároco conta que São Sebastião era o santo dos pobres, então, era o santo que dava o sentido para eles, que segundo o frei, “*vinham para cá com o desejo de progresso, de sobreviver, de sair da seca e encontrar caminhos que pudessem ser caminhos de luz*”. O frei fala sobre o

espaço da igreja e cita: *“Aqui era periferia, [...] então eram os pobres que estavam aqui, trabalhando na construção civil, em trabalhos manuais, eram aqueles que vieram do nordeste, então traziam junto com eles, a experiência de São Sebastião”*. O pároco diz que essa devoção aqui em Manaus, *“nasce exatamente com esse desejo de poder venerar o Santo, e é a tradição”*. Comemorada todos os anos, a festa ao Santo Padroeiro, é um acontecimento centenário, no Centro de Manaus. O frei explica que,

O santo padroeiro é o santo protetor, aquele que acompanhou desde criança, que foi introduzido na família, que viviam com seus avós, então essa lembrança fica no referencial, por mais que tenha passado tanto tempo ou a festa tenha mudado de lugar, mas o santo é o mesmo. (FREI PAULO, 2019)

Citando que os populares veem em São Sebastião, uma imagem de santo guerreiro, corajoso e detentor de forte fé, o frei explica que as pessoas se inspiram em sua história, o que o torna um referencial religioso e a realização de suas festas é uma forma de estar em comunhão com outras pessoas. O frei analisa que está muito presente na vida dos devotos, dos fiéis que participam, a ligação da religiosidade popular forte, que atinge a vida dos ribeirinhos, dos indígenas, da população. Com firmeza, o frei cita que todo o *“aparato do santo padroeiro, [...] protetor, da linguagem que ele traz”*, e por ser um soldado forte, uma vez que o santo não cedeu aos mandos do rei, para que renegasse a fé, *“as pessoas o trazem como um grande batalhador”*, além de ser segundo o religioso, um *“testemunho muito bonito”*.



Créditos da Imagem: Arquidiocese de Manaus, 2019.

Frei Paulo, (imagem ao lado), ao comentar sobre a participação popular nos festejos do santo, cita que *“a religiosidade popular está entranhada na vida do povo”*. Ele prossegue o diálogo e afirma que *“a procissão é do povo”*, fato que pode ser ilustrado, como diz o religioso, pela participação de outras religiões nos festejos, Frei Paulo comenta que há quase vinte anos, alguns terreiros da cidade de Manaus, participam das cerimônias na igreja, sempre um dia antes da procissão. Ele narra um discurso que visa principalmente a comunhão entre os povos, entre as religiões, aqui no caso entre católicos e o povo de terreiro, dando assim segundo ele, um passo para vencer a intolerância religiosa. O religioso prossegue comentando que:

São Sebastião, não ficou só na igreja católica, a linguagem das outras organizações religiosas, nos terreiros por exemplo, tem São Sebastião lá e eles fazem procissão, é como poder também inserir esse elemento dentro da dimensão da vida das pessoas, estão vivendo aquela experiência, aquele sinal, daquele santo, em outra dimensão do próprio referencial religioso, que não é a catolicidade; então vão para os terreiros, e eles enfrentam também outros elementos ali, acolhem aliás, outros elementos e que vão ser ajudadas por um poder não do mal mas um poder do bem. São Sebastião reúne todas as forças que possam convergir para construir o bem [...] (FREI PAULO, 2019)

O frei continua o diálogo e cita que “[...] o terreiro não é o terreiro do mal, é o terreiro da festa, é o terreiro da alegria é o terreiro do encontro, é o santo que promove isso, então é salutar”. Segundo o Frei, a igreja não pode ficar indiferente a esse fenômeno, referindo-se às outras religiões, daí a importância, segundo ele, de acolher os vários terreiros da cidade, para ele, essa acolhida é como uma dimensão de comunhão, pois é fundamental, a união entre os povos, o pároco vê nessa união promovida pela festa em honra ao santo padroeiro, oportunidades para respeitar a fé de cada um. Ele cita que “o mundo está muito intolerante com as várias religiões, vários credos, as várias situações que se enfrenta com relação a própria dimensão daquilo que é o transcendente, o sobrenatural na vida das pessoas”. Frei Paulo continua sobre a acolhida aos povos de terreiro:

É uma forma da gente reconhecer que nós somos irmãos, que nós participamos da mesma caminhada, e talvez com relações e concepções diferentes, mas é o mesmo Deus que nos une [...] e que as diferenças religiosas podem nos ajudar a enfrentar aquilo que são realidades do próprio ser humano, isso nos ajuda a fundamentar sempre mais, esse caminho. (FREI PAULO, 2019)

Em relação a temporalidade, de acordo com o Frei, em 2019, foi realizada a centésima trigésima, procissão de São Sebastião. A festa deste ano, teve como tema, “São Sebastião e o sínodo para a Amazônia” e lema “Novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”. Com teor ecológico, os festejos conectam-se com os povos da floresta, conforme conta no livreto elaborado para a festa, “A igreja também aprendeu que, nesse território, habitado por mais de dez mil anos por uma grande diversidade de povos, suas culturas se construíram em harmonia com o meio ambiente”. A participação popular, segundo Frei Paulo, no dia vinte de janeiro de 2019, foi de aproximadamente vinte mil pessoas. Os devotos se concentram para a saída da procissão, que parte da frente da igreja, a tarde e percorre as principais vias do bairro, retornando então para o Largo, onde acontece a missa campal - também transmitida pela Rádio Rio Mar; posteriormente os fiéis se divertem no arraial, com a presença de várias atrações musicais, é a hora da dança, que o Frei, chamou de “Arrasta-pé”, assim os fiéis dançam, além de aproveitar e saborear as delícias preparadas para à festa, que é movida pela fé e pelo sentimento de gratidão dos participantes ao Santo Padroeiro, São Sebastião.

➤ Festa de São Pedro



Procissão de São Pedro 2019, fotos da autora

A igreja católica do bairro de Educandos, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, realiza anualmente, aos vinte e nove dias do mês de junho, a Festa de São Pedro. Foi na metade do século XX que teve início a Procissão fluvial, comemorando neste 2019 a sua **septuagésima** edição, segundo o padre que conduzia o barco com o andor do Santo Padroeiro. O tema da festa foi “*Com São Pedro somos todos irmãos*” e lema “*Cuidado com a vida, cuidado com o planeta*”, fazendo alusão à preservação do meio ambiente. A festa religiosa enfatizou momentos de reflexão em tom de um discurso eco religioso, fortalecido com a presença de uma equipe da secretaria de meio ambiente de Manaus (SEMMAS), distribuindo folhetos com orientações para que não fossem jogados lixos no Rio e ainda enfatizando o discurso do padre animador que também clamava ao devotos do santo e às embarcações que se juntavam à procissão, “*vamos cuidar dos rios, vamos cuidar da Amazônia*”.

Conduzidos pelo tema da festa, “*com São Pedro somos todos irmãos*”, a procissão também teve participantes provavelmente de outras religiões, uma vez que havia participantes com vestimentas comuns de uso em terreiros, como o uso da roupa branca e colares. São Pedro, nas festas de terreiros é comemorado como Orixá Xangô, como será abordado em Terreiro de Pai Adalberto.

Referendando a grandiosidade da festa de São Pedro em Manaus, Gama et al (2012), fazendo referência aos bens de natureza imaterial, comenta:

Tomado pela ótica do patrimônio imaterial, outra festa ganha importância no calendário de eventos [...] dado sua forte mobilização social e religiosa, trata-se da “procissão fluvial de São Pedro”. Iniciada na década de cinquenta do século passado, a procissão fluvial envolve segmentos sociais diversos de Manaus, embarcações de

vários aspectos e pagamento de promessas das mais diferentes formas identificadas a partir de ex-votos. (GAMA et al, 2012:164).

Segundo a história católica, São Pedro é protetor dos pescadores, daí a participação da Colônia dos Pescadores do bairro de Educandos, a Colônia é um dos idealizadores do evento religioso. A concentração para a procissão de 2019, teve início pouco depois do meio dia, no terminal pesqueiro do bairro, localizado no Porto da Panair, popularmente conhecido, como ‘Pané’. Devotos de diferentes lugares de Manaus se arrumavam em filas para adentrar à embarcação, que além de levar o andor do padroeiro, também contava com a presença do arcebispo metropolitano de Manaus, Dom Sérgio Castriani.

Diversas conversas fluíam entre os participantes posicionados na fila, uma das devotas comenta que “*antigamente a procissão saía da igreja da Matriz, mas mudaram e não avisaram o motivo*”. Na partida, com os devotos já embarcados, as ladainhas (sequência de orações), são puxadas pelo padre que ‘anima’ a procissão e são continuadas pelos participantes, que rezam ecoando em coro, sob as águas do Rio Negro. As orações não cessam e se misturam aos agradecimentos do padre aos colaboradores da festa de São Pedro. Bastante popular em Manaus, a procissão de São Pedro já recebeu inclusive a presença de um Papa, foi nos anos 1980 quando João Paulo II esteve na cidade e também participou da procissão, fato lembrado pelo ‘padre animador’.

Dentre as atrações, o concurso Barcos da Fé, é uma das mais aguardadas e compõem o brilho do evento religioso em pleno Rio Negro, trata-se de uma competição entre o barcos participantes, onde são premiadas, as três embarcações mais criativas e melhor ornamentadas no contexto da festa, os concorrentes capricham nos adornos, enfeites e claro, na animação dos fiéis e devotos do santo padroeiro. Vence a brincadeira, o barco que mais se sobressai; o vencedor deste ano, foi o barco Sonho Meu, seguido do Menino Jesus e João do Pombo, em terceiro lugar. Na condução da procissão, o barco do andor passa em frente ao Porto de Manaus e saúda a igreja da Matriz, Nossa Senhora da Conceição, passando posteriormente pela beira do rio em frente ao bairro de São Raimundo, saudando também os fiéis da Igreja São Raimundo Nonato, que correspondem com uma salva de fogos de artifícios, ao chegar à Ponte Rio Negro, o cortejo fluvial retorna, passando pelo porto Chibatão e ancorando novamente no Porto da Pané, a partir de então a procissão segue por terra, nas ruas do bairro Educandos, para chegar à igreja.

Dona Maria do Socorro, de 72 anos, que participava da procissão fluvial, sentada em um banquinho e acompanhada de três netas, contou que é do Ceará, está em Manaus há mais de vinte anos, e é devota de São Pedro, mas segundo ela, “*não pede graça não, somente amor*

e perseverança”, dona Maria afirma que lembra das “*fogueiras no terreiro e da reza do terço*” em devoção ao Santo, ela comenta ainda que sente falta do passado que *‘passava fogueira e da brincadeira de padrinho e madrinha’*. A fala de dona Maria é referente às tradições das festas que envolvem a tríade Santo Antônio, São João e São Pedro, quando eram realizadas inúmeras brincadeiras como pular fogueira para ‘virar parente’ e as adivinhações, práticas comuns nas festas juninas, sobre essas tradições que dona Maria guarda na memória, Galvão (1976), comenta: “[...] *Na Amazônia, como também ocorre no Nordeste, além dos padrinhos de batismo, de crisma e de casamento, existem o padrinho e compadre de fogueira*”. (GALVÃO, 1976:20)

Mário Ypiranga diz que no estado do Amazonas “*O culto ostensivo a São Pedro, é mais recente na cidade do que no interior*”. Entre as conversas dos devotos na fila da procissão, um deles comentou: “*É em Manaquiri, a maior festa de São Pedro*”, o que de certa forma, ratifica as palavras do escritor.

➤ Festa de Santo Antônio



Capela do Pobre Diabo. Dia de Santo Antônio, 2019, fotos da autora.

A festividade é realizada pela Capela de Santo Antônio, conhecida também como Capela do Pobre Diabo, cotando com a colaboração dos comunitários e promesseiros. A capela, que data do final do século XIX é tombada como monumento histórico e está localizada na rua Borba, bairro Cachoeirinha. De acordo com a história, a capela é uma idealização de Dona Cordalina Rosa de Viterbo (IGHA, 1985:87).

Sobre as primeiras procissões, arraiais e quermesses existem poucos registros escritos, *são apenas memórias*, segundo o seu Fernando, a pessoa que está à frente dos cuidados da

igreja, a aproximadamente trinta anos. Fernando conta que entrou na missão, após esse cargo ser de sua tia, ele afirma que estão *‘mas ou menos há oitenta anos, por aí assim’*.

Fernando fala pouco, e o único diálogo pessoalmente com ele, foi no dia de Santo Antônio, na Capela do Pobre Diabo. Todas as demais conversas com o responsável pela capela, foram virtuais, daí as poucas referências à realização da festa. Enfatizando também que não foram encontradas informações referentes à Capela do Pobre Diabo e os festejos de Santo Antônio no endereço eletrônico da arquidiocese local.

Embora a escassez de informações e também falhas em relação à datas, de acordo com a publicação da ‘Serie Memória’, um jornal de 14 de junho de 1909 (*Jornal Amazonas*) escreve: *“Terminou ontem a festividade de Santo Antônio na Capela do Pobre Diabo, na Cachoeirinha”*. Em sequência o jornal elenca a presença dos governadores do estado e *“grande número de famílias e cavalheiros”*. Sendo portanto, a publicação de 1909, subentende-se que a festa de Santo Antônio na Cachoeirinha, já é realizada a praticamente cento e dez anos. A Capela abre suas portas em comemoração ao Santo, todo dia treze de junho para a participação dos seus devotos, uma das principais partes da festividade, além da missa e da procissão é a bênção e entrega dos pães, (ato simbólico que representa, o pão de Santo Antônio), aos participantes. Em estada na capela, no dia treze de junho de 2019, percebeu-se o grande movimento de fiéis, na pequenina capela e também aos fundos da igreja, rezando e clamando ao santo padroeiro do lugar.

Antes do início da procissão, ainda na Capela, um jovem devoto comenta conosco sobre o festejo *“todos os anos eu venho, acompanhar a minha família”*; segundo Fernando, o público da procissão é de aproximadamente seiscentas pessoas. Reportagens de jornais local, informam que a capela também abre suas portas todos os dias treze de cada mês para realizar a novena, fato que não teve confirmação do responsável pela igreja.

➤ **Festas no Terreiro de Dona Socorro**

As pessoas que procuram o terreiro para atendimentos e até mesmo os mais chegados, convivem com uma mulher, que é mãe, avó, esposa e também é mãe de santo. Dona Socorro inicia seus trabalhos cedo na seara, se dividindo entre os atendimentos diários e orações em crianças, é bastante comum lá na casa, os pais levarem seus pequenos para rezar. Algumas vezes, tendo em vista a grande demanda de clientes, a mãe de santo chega a ‘entrar pela noite’. No entanto, às terças e quintas feiras, dona Socorro só atende com hora marcada.

O terreiro está localizado no Bairro Centro, em uma casa da Vila Elvira, situada à Rua Ramos Ferreira. O nome conhecido por quem frequenta o local é *Casa da Dona Socorro*, ela

explica sobre a questão da seara não ser um barracão, como os terreiros em geral, no entanto, a mãe de santo afirma que é ali, em sua casa e com a permissão das entidades, que ela trabalha. Socorro realiza seus trabalhos e também as festas em devoção aos Santos Orixás, pois a casa, como já explicado, faz às vezes de terreiro.

Em alguns lugares onde se realizam festas de terreiro, é comum usar os nomes de santos da religião católica para identificar os festejos, o que também acontece em casa da mãe Socorro.

As festividades anuais da casa são iniciadas com honras à São Sebastião, comemorando o orixá Oxóssi, as demais festas continuam para Ogum, Xangô, Cosme e Damião, Iansã e Oxum. Uma das festas fortes na Casa da Dona Socorro, é para Ogum, dia de São Jorge, 23 de abril. Os participantes fazem um tipo de Roda na sala, a Mãe de Santo, chega bastante arrumada, ela abre a festa com orações de origens católicas, como Pai-Nosso e Prece de Cáritas, posteriormente são entoadas músicas de terreiro e os rituais vão iniciando, começam as incorporações, algumas pessoas da Roda, “passam mal”, elas são amparadas por quem está próximo, a mãe de santo, cumprimenta todos da Roda e alguns recebem inclusive conselhos e/ou orientações para procurar atendimentos de sua ‘filha’. Pós-Roda, são servidas as comidas, o local é pequeno e todos ficam muito próximos.

Na realização das festas de terreiros, dois elementos são de extrema importância, a comida e as cores das vestimentas. Ambos são conforme as preferências do Santo Orixá, pois cada um tem seus respectivos alimentos, cores, plantas, etc. Socorro explica, “*a comida é importante, não pode faltar*”, e geralmente são banquetes com mesa farta. Tamanha é a importância dos alimentos, que os convidados não podem ir embora, sem comer o ‘babujo’ e nem antes do encerramento oficial da festa; no entanto, alguns saem antes, idosos, pessoas com crianças, porém boa parte dos participantes permanecem até o final da festa, Um dos pedidos da mãe, é que os convidados estejam no momento da cerimônia, com boas vibrações.

Uma das festas aguardadas também é de encerramento do ano, porém é realizada fora da casa, Socorro chama as pessoas para uma cerimônia nas águas do Rio Negro, na Praia da Ponta Negra, geralmente acontece no dia 30 de dezembro. Os convidados levam flores, e lembranças para ofertar às águas, após um momento de orações, acontece o banho, alguns levam garrafas de Champanhe, flores, e outros enfeitam barquinhos para levar os pedidos para o ano vindouro, e os agradecimentos.

➤ Festas no Recanto de Preta Mina - Ilê de Yansã



Terreiro de Pai Adalberto. Fotos da autora.

Localizado no bairro de Educandos, na rua Presidente Kenedy, o Terreiro de Pai Adalberto, encanta já na entrada ao avistar ainda do beco que dá acesso à casa, a placa: Recanto de Preta Mina – Ilê de Yansã, com uma estrela azul dentro de um triângulo amarelo, desenhados junto ao nome do lugar. No local, há vários espaços, que dona Laura (filha de santo de Pai Adalberto), que gentilmente nos atendeu, explicou cada um, denominando-os “*assentamentos*”. São espaços para Exu, Caboclos, Ogum, Omolu, ao chegar neste último, dona Laura comenta “*é o povo das palhas*”, além do assentamento da Preta Mina (a dona da casa), chegando no espaço católico, percebe-se que estão expostas, imagens de vários santos, além da imagem de Jesus Cristo, as mais conhecidas são de São Sebastião, Santana, São Jorge, São José e Cosme e Damião.

Em dias diferentes de visita ao terreiro, Dona Laura e Pai Adalberto explicaram que o ano inicia com a festa de São Sebastião, Oxóssi, todavia, Pai Adalberto comenta que já na primeira segunda feira do ano, faz um ‘corte’ para Exu e se apressa em explicar, “*Exu não é demônio, como as pessoas pensam [...]*”. Eles cortam pedindo prosperidade, e o “Pai” enfatiza ‘*que seja um ano próspero não só para mim, mas para os que batem na minha porta*’. A comemoração seguinte é para São Lázaro, mês de fevereiro, orixá Omolu, aquele que dona Laura citou como o povo das palhas, Pai Adalberto ressalta Omolu como “*o deus da cura, das chagas*”. Mês de março a festividade é para São José, então Adalberto com firmeza diz: “*É um Xangô, fundador de minha casa, patrono de minha casa, São José Operário*”.

No primeiro dia de visita ao local, D. Laura, citou os nomes dos santos e suas festas, dando ênfase também às comidas servidas aos convidados. Ela conta que nos dias vinte e três de abril e treze de maio é servida a feijoada para Ogum e para os Pretos Velhos, respectivamente. Em outro momento, na segunda visita ao Terreiro, Pai Adalberto fala dos Orixás, citando as festas, segundo ele, o “*mês de junho é todinho de Xangô, mas também de Exu, referindo-se à Santo Antônio, ele prossegue a explicação, São João e São Pedro, são Xangôs*”! O Pai, no entanto, no momento seguinte já nos explica sobre Nanã Boruquê, festejada no mês de julho como Santana, ele diz: “*Santana chama-se Nanã, a vovó, a Oxum mais velha que a gente tem na religião, ela é respeitada[...]*”. Continuando a conversa, o Pai fala de Nossa Senhora da Glória, quando comemoram para Iemanjá, dia quinze de agosto e finalmente, ele cita a festa de Preta Mina, festejada em 28 de agosto, que dá nome à casa. Segundo ele ‘*sua casa fica pequena, são mais de trezentas pessoas*’ essa é a festa principal do lugar, participam pessoas da comunidade e de outros bairros da cidade.

Pai Adalberto, também homenageia São Cosme e Damião em setembro, porém esclarece, “*não faço para espíritos, mas para as crianças (matéria)*”, o evento acontece em uma pequena praça próxima ao seu terreiro, Pai Adalberto “*sustenta mais de seiscentas crianças*”. Entre os meses de outubro e novembro ele fica ‘fora’, para encerrar as festividades da casa, sempre na segunda semana do mês de dezembro, numa quarta-feira, a festa é dedicada para as *Iyabás*, alguém na mesma sala da nossa conversa, comenta, “*são todas as orixás mulher*”, Pai Adalberto encerra suas festividades anuais no Terreiro, com uma homenagem às mulheres.

Foi na primeira visita, que D. Laura responde a questão: *aqui é de umbanda ou candomblé?* ela responde: “*Omolokô*”. Sem muita ciência do que se tratava, além de saber que é uma religião sincretizada no Brasil, deixei para pesquisar depois o que significa, uma vez que o nosso foco, são as festas realizadas naquele Terreiro.

➤ Festas no Centro de Umbanda Pena Vermelha



Fotos da autora

Terreiro localizado na avenida Ipixuna, canto com a rua Borba, no bairro Cachoeirinha, o lugar não possui identificação, provavelmente visando proteger e manter o ‘sagrado’ distante de preconceitos e intolerância religiosa. Dona Nazaré, esposa e braço direito de Seu Idemar, é quem toma conta da Seara para que tudo funcione bem nos atendimentos ao público, que acontecem às segundas e quintas feiras, condicionado à compra de uma senha, que pode ser adquirida por um valor popular de dez reais, no local. Foi ela quem nos atendeu na primeira visita ao Terreiro para a pesquisa; segundo Dona Nazaré, a linha de trabalho do Pena Vermelha é a Umbanda Branca, ela explica, “*é a linha de cura*”, com as entidades dos Pretos Velhos, com as rezas em crianças, os benzimentos, defumação e tratamentos de saúde.

Nessa primeira visita ao local, a Seara encontrava-se fechada e seu Idemar descansando, pois segundo a esposa, “*ele arrumou uma diabetes pra ele e precisa de repouso*”. Seu Idemar está atualmente com 80 anos de idade e já realiza os ‘trabalhos’ há quase quarenta anos; no bairro Cachoeirinha, estão há mais de vinte. Porém em outra visita, já no mês de julho de 2019, seu Idemar foi quem atendeu a porta e em tom sereno indagou, o que posso ajudar? Vovozinho, como é popularmente conhecido pelos frequentadores e pessoas do entorno, veio para a cidade de Manaus, ciente de seus dons, seus primeiros trabalhos na Umbanda, foram no bairro São Francisco, na casa de dona Isaura, que recebia várias entidades, dentre elas, a *Cabocla Braba*. Vovozinho, após longa conversa comenta, “*a próxima festa a ser realizada aqui, será de Cosme e Damião*, que segundo ele, é uma “*festa grande*”.

As festa do Terreiro, são realizadas em sincronia com os festejos religiosos do calendário católico. Ao iniciar a sua fala sobre as festas, Dona Nazaré frisa “*sem bebida alcoólica, apenas o aluá*”. Como em outros terreiros, as festividades do lugar iniciam saudando São Sebastião. Dona Nazaré cita em forma de sequência as festividades do lugar, ela começa: *São Sebastião, São Jorge; Dia dos Pretos Velhos; Cosme e Damião e Santa Bárbara*. O casal abre a Seara também para as festas de final de ano, quando encerram o calendário festivo do lugar.

As comidas para as festas, segundo a esposa de Vovozinho, são de acordo com o santo, podendo ser farofa, mungunzá, vatapá, caruru, bolo e feijoada. Ela é bem mais específica quando se trata do dia vinte e sete de setembro, na celebração à Cosme e Damião, enfatizando que além das balas (bombons), serve também arroz doce, mungunzá em meio a uma pausa, ela retorna ao primeiro santo festejado no ano, São Sebastião, citando que naquela data, são servidas ‘*frutas da mata regional*’. Nazaré continua citando as festas, após setembro, é a de Santa Bárbara nesta é servido, o Caruru. Quanto à participação popular, ela comenta que, ‘*é muita gente*’, aproximadamente cem pessoas.

O escritor Jorge Amado (s/d) comenta que as comidas das festas de terreiro, em honra de São Cosme e São Damião são “*especialmente, efó, o vatapá e o caruru*”. O escritor, no entanto, deixa uma lacuna sobre as comidas oferecidas à Santa Bárbara, que segundo ele, é a “Iansã dos negros”, o autor cita apenas que para essa Festividade, “*A comida é farta*”. Ainda relacionado aos banquetes e para ‘reforçar’ a fala de Dona Nazaré, Silva (2011), destaca “[...] *a relevância da cultura negra, tanto na identificação com o santo cultuado, como nos diferentes tipos de comidas (angu, caruru, vatapá, mungunzá) e bebidas (aluá)*. Estas comidas, segundo Silva (2011), são “*todas de origem negra*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a representatividade das festividades religiosas, bem como a importância histórico cultural que as mesmas representam para os moradores e ainda considerando o sentimento de realização da comunidade a cada evento religioso, ao contar através da realização das festas, suas histórias de vida (graças alcançadas, promessas, pagamentos), elas contam também, a história dos bairros, que simboliza a cultura e identidade locais. Verificou-se com o estudo, que nos terreiros, bem como nas festas de santo, há a existência de elementos comuns, além das rezas, devoções e a fé e o culto aos santos orixás, são os saberes, as expressões, o valor do sagrado. Os elementos intangíveis presentes nas festas religiosas, identificam-se com o patrimônio imaterial, no que se refere-se à lugares, festas, religiões, modos de fazer, formas de

expressão, dentre outras manifestações, de acordo com o já citado Decreto 3.551/2000, que veio somar aos artigos N° 215 e 216 da Constituição Federal de 1988.

A realização deste estudo tornou-se relevante para atentar à continuidade dessas expressões que estão além de ser apenas religiosas, são festas que mantêm vivas as memórias e o sentido da comunhão entre as pessoas, daí a continuidade dessas expressões; contudo, sugere-se a realização de outras pesquisas, em relação ao estudo das festas religiosas, seja de Santo e/ou de Terreiro, uma vez que o campo é bastante vasto e envolve a magnitude dessas festas. No entanto, é necessário colocar aqui, que no momento inicial da coleta de dados para a realização da pesquisa, a abertura maior quanto o acesso ao espaço onde ocorrem as festas, e demais informações em relação aos festejos religiosos, tenha sido por parte dos responsáveis pelos terreiros. Ao presenciar e/ou participar das festividades, surgem inquietações quanto estímulo e criação de políticas públicas e de salvaguarda para a manutenção das festas de Santo e Festas de Terreiro, visando a preservação cultural das mesmas, proporcionando também a manutenção dos lugares e do patrimônio simbólico que os eventos religiosos representam. . Verificou-se que a presença negra na cidade, comprova elementos presentes nas religiões de matrizes africanas e seus cultos, estes foram enraizados na capital e permanecem até os dias atuais.

Manaus é uma cidade permeada de elementos simbólicos e preservar essas manifestações culturais que acontecem nos terreiros, igrejas católicas e comunidades que cultuam os santos e orixás, caboclos, voduns e tantos outros, vem ser necessário, uma vez que a modernidade aterra lugares e memórias; enfatizando a importância da continuidade das festas, bem como a conservação e proteção dessas práticas culturais, que movimentam a comunidade dão forma à identidade cultural local, para tanto torna-se necessário a preservação dos lugares sagrados dos bairros estudados

A resistência das festas de Santo – enfatizando as centenárias na cidade de Manaus, São Sebastião e Santo Antônio - santos também reconhecidos nos terreiros - torna-se alvo de ovação, pois este movimento em algumas localidades já não existe mais, daí a importância da preservação da identidade cultural das festividades religiosas, uma vez que, estas, em algum momento se misturam à história de desenvolvimento cultural da cidade. Nesse sentido ratifica-se a proteção, manutenção bem como a divulgação e apoio aos eventos, pois estes patrimônios, podem ser determinantes no crescimento sócio cultural local.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*. Editora Martins, SP, (s/d);

ANDRADE, Moacir. *Manaus: ruas, fachadas e varandas*. Manaus, 1984;

ARAÚJO. André Vidal. *Sociologia de Manaus – Aspectos de sua aculturação*. Coleção Pindorama. Edições Fundação Cultural do Amazonas, Manaus, 1974;

_____. *Introdução à Sociologia da Amazônia*. Org. Tenório Telles e Lúcia Puga. 2ª ed. Editora Valer, Manaus, 2003;

ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Paróquias e áreas missionárias*. Disponível em: <https://arquiocesedemanaus.org.br/paroquias/>. Acesso em 30.03.2019;

_____. Festejos em honra a São Sebastião encerram com procissão e missa reunindo milhares de fiéis. Disponível em: <https://arquiocesedemanaus.org.br/2019/01/20/festejos-em-honra-a-sao-sebastiao-encerram-com-procissao-e-missa-reunindo-milhares-de-fieis>. Acesso em 30.03.2019;

BATES, Henry Walter. *O naturalista no rio Amazonas*. V1, tradução de Candido de Mello-Leitão. Brasiliana / Biblioteca Pedagógica Brasileira / Companhia Editora Nacional. São Paulo; Rio de Janeiro; Bahia; Recife; Porto Alegre, 1944;

BORBA, Francisco S. *et al. Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Editora UNESP, SP, 2004;

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Ed. Rocco, RJ, 1986;

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto. Manaus 1890-1920*. Editora Valer, Manaus, 2019;

FERRETTI. Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo*. EDUSP, SP; FAPEMA, São Luís, (1995);

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. Editora Nacional, RJ, 1976;

Governo do Estado do Amazonas. Série Memória. Comissão permanente de defesa do patrimônio histórico e artístico do estado do Amazonas. *Capela do Pobre Diabo*. Texto de Mário Ypiranga. Imprensa Oficial, 2ª ed. Manaus, dezembro, 1980;

GAMA, et al. *Tangendo o intangível: Reflexões sobre o patrimônio cultural no âmbito de uma instituição pública de Manaus*. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org). *Culturas populares em meio Urbano*. Edua, Manaus, 2012;

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Terreiro Casa Branca do Engenho Velho - Salvador (BA)*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>>. Acesso em: 30.03.2019;

_____. Decreto N° 3551. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf. Acesso em: 30.03.2019;

IFAM. *Manual de TCC/Sistema integrado de bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas*. Organizado por Karina Batista de Sales et al. Manaus: IFAM, 2018;

IGHA. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. *Manaus – Memória Fotográfica*. SUFRAMA, Manaus, 1985;

JÚNIOR. Ademir Barbosa. *Para conhecer a Umbanda*. Universo dos Livros, SP, 2013;

LALLEMANT, Robert Avé. *No Rio Amazonas, (1859)*. Editora Itatiaia, Belo Horizonte; Editora da Universidade de São Paulo, SP.1980;

LEAL, Vinícius. *Amazônia. Descendentes de escravos no Amazonas conseguem título de remanescentes de quilombo*. Jornal Acrítica, Manaus, 15/07/2015 às 14:22. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/governo/news/descendentes-de-escravos-no-amazonas-conseguem-titulo-de-remanescentes-de-quilombo>. Acesso 01.07.2019;

MESQUITA. Otoni. *Manaus – História e Arquitetura 1669-1915*. 4ª ed. Editora Valer, Manaus, 2019;

MEDEIROS, Regina. *Terreiros de Manaus: Resistência e Interpretação*. Disponível em: <http://www.ncpam.com.br/2009/05/terreiros-de-manaus-resistencia-e.html>. Acesso em 01 de julho de 2019. Manaus;

MINGOS, Carla Negreiros Cardoso. *Cachoeirinha sob um novo olhar*. Série coleção prêmio dos bairros. Edições Muiraquitã. Manaus, 2010;

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *História da Cultura Amazonense*. 2.v, Editora da Universidade do Amazonas. Manaus, 1998;

_____. -*Cultos de Santos & Festas profano-religiosas*. Imprensa oficial, Manaus. 1983;

NUNES, Paulo André. *História de Manaus. Conheça locais históricos que mudaram de nome em Manaus com o passar dos anos*. Jornal Acrítica, Manaus, 27/08/2017. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/conheca-locais-historicos-que-mudaram-de-nome-em-manaus-com-o-passar-dos-anos>. Acesso em 01.07.2019;

OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso*. Editora Valer. Manaus, 2003;

OLIVEIRA, Liliane Costa de. *Vida religiosa ribeirinha Um estudo sobre a igreja católica e evangélica no Amazonas*. Universidade Federal do Amazonas, Dissertação de Mestrado. Manaus, 2012;

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio: um guia*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2008;

PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO E SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Livro para o novenário e procissão. Festejos De São Sebastião. 11 a 20 de janeiro*. Manaus, 2019;

PEREIRA, Nunes. *A casa das minas. Culto dos Voduns Jeje no Maranhão*. Ed.Vozes, Petrópolis, 1979;

PORTAL AMAZÔNIA. *Turismo religioso: romarias, procissões e bons negócios no Amazonas*. Disponível em: <<http://portalamazonia.com/cultura/turismo-religioso-romarias-procissoes-e-bons-negocios-no-amazonas>>. Acesso em 30.03.2019;

REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, Superintendência cultural do Amazonas, Manaus, 1998;

----- *A conquista espiritual da Amazônia*. 2ª ed. Manaus, 1997;

SALGADO, Roberta Camila. *Manaus, 1965 da floresta e das águas*. Governo do estado do Amazonas, secretaria de estado da cultura. Manaus, 2009;
SAMPAIO, Patrícia Melo. *O Fim do Silêncio – Presença negra na Amazônia*. Ed. Açai. Belém, 2011;

SILVA, Jamily Souza. *A festa de São Benedito no bairro da Praça 14* (p173-190). In: *O Fim do Silêncio – Presença negra na Amazônia*. Org, Sampaio, Patrícia Melo. Ed. Açai. Belém, 2011;

SILVA, Alvatir Carolino. *"Festa dá trabalho!"*: Os grupos folclóricos de Manaus e as múltiplas dimensões do trabalho. (p173-198). In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org). *Culturas populares em meio Urbano*. Edua, Manaus, 2012;

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Festas, procissões, romarias, milagres - aspectos do catolicismo popular*. Editora IFRN, Natal, 2013;

SOUZA, Glacy Anne Araújo de. *Ajeun Odara. Um estudo acerca das comidas dos orixás em Manaus*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Amazonas, PPGSCA, Manaus, 2009;

TOGNON, Marcos. *Patrimônio, entre o presente e o passado*. IN: *Formação de educadores. Memória, patrimônio e meio ambiente*. PARK, Margareth, Brandini (org.), Campinas, SP, Mercado de Letras, 2003.

VILANOVA, Simone. *Sociabilidade e cultura: A história dos "pequenos teatros" na cidade de Manaus (1859-1900)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Amazonas, PPGH, Manaus, 2008;

XAVIER, Joandres. *Jornal Em Tempo. Padroeira - As Conceições do Amazonas: a cada promessa, uma história de vida*. Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/amazonas-cidades/130675/as-conceicoes-do-amazonas-a-cada-promessa-uma-historia-de-vida>. Acesso em 20.08.2019. Manaus, 2018;

WAGLEY, Charles. *Uma Comunidade Amazônica*. Itatiaia. Belo Horizonte; Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

Quadro V - LUGARES SAGRADOS EM MANAUS/TERREIROS.

No	TERREIROS	RESPONSÁVEL	LOCALIZAÇÃO
01	Terreiro de São Benedito	Mãe Joana Gama Mãe Zulmira Gomes	Morro da Liberdade
02	Terreiro de São Sebastião	Mãe Joana Galante	São Jorge
03	-	Mãe Joana Mãe Quintina	Cachoeirinha
04	Terreiro Nossa Senhora da Conceição	Mãe Ifigênia Mãe Miquelina	Duque de Caxias
05	Ilê de Santa Bárbara	Mãe Maria Rita Estrela Antônia Lobão Mãe Joana Papagaio Mãe Margarida Pai Ribamar	Seringal Mirim, São Geraldo
06	-	Pedro Tartarugueiro	Raiz (terreiro fechou)
07	-	Mãe Rosária	Crespo Castro – quase em frente ao Marapatá
08	Tenda Nagô	Mestre Zilmo da Silva Cordeiro	Cachoeirinha
09	Senhor Geraldo	Senhor Geraldo	São Lázaro
10	Residência de dona Maria Terna de Lima	-	Rua São Luiz, Beco do Macedo
11	Residência de dona Victorina Donay Freire	-	Rua Emílio Moreira.
12	Terreiro de Mãe Angélica	Mãe Angélica	Rua Tefé, esquina com a Maués, Cachoeirinha
13	Seara Umbandista do Imboca		Imboca
14	Tenda umbandista do Mestre Ermínio	Mestre Ermínio Cavalcante do Rosário	Rua Plínio Coelho, bairro São Francisco
15	Sítio Lirial	-	Igarapé do tucumã - Manaus
16	Centro de Umbanda Bom Jesus de Nazaré	-	Bairro da Raiz
17	Residência do Senhor Armando Alves dos Santos	Armando Alves dos Santos	Lugar das Lajes
18	Seara da Mãe Raimunda	Mãe Raimunda	Rua de São Jorge, Bairro Constantinópolis
19	Terreiro do Seu Girassol	Mãe Socorro	Cidade Nova - em frente à Igreja São João Batista
20	Terreiro do Pai Tota	-	Conjunto Ajuricaba
21	Centro Espírita Pai Anastácio	-	Atrás do Cemitério São João Batista
22	Terreiro da Dona Maria	-	Bairro da Glória, próximo ao Estádio da Colina
23	Próximo À PRODAM (entrada por um beco)	-	Praça XIV
24	Centro de Umbanda de Ogum	Pai Henrique	Cidade Nova, Cj Ribeiro Júnior
25	Iemanjá – Centro de Umbanda	Pai João	Santo Antônio
26	Centro de Umbanda Rosa dos Ventos	-	Conjunto Ajuricaba
27	Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição	Terreiro de Maria Jacaúna	Zumbi dos Palmares
28	Casa de força de Oxaguian	Pai Giovano	Val Paraíso
29	Casa de Forças das Águas Doces Profundas	Pai Bosco de Oxum	São José III
30	Casa de Forças da Senhora das Águas Profundas	Pai Gilmar de Yemanjá	Jorge Teixeira
31	Terreiro de Umbanda do Sibamba	-	São José
32	Casa da Dona Socorro	Dona Socorro	Rua Ramos Ferreira, Centro
33	Recanto de Preta Mina Ilê de Yansã	Pai Adalberto	Avenida Presidente Kenedy, Educandos
34	Centro de Umbanda Pena Vermelha	Seu Idemar (Vovozinho)	Avenida Ipixuna, 1529, Cachoeirinha
35	Ilê Asé Ijiboná Íjídewi	Agbá Dunduregi	Rua Nossa Senhora das Graças, N86, Bairro da Paz.

Quadro elaborado com base nas informações obtidas no desenvolvimento do trabalho, não configurando o número real de terreiros que podem existir na cidade de Manaus.